

CARLOS SELVAGEM

A Encruzilhada

PEÇA EM 3 ACTOS

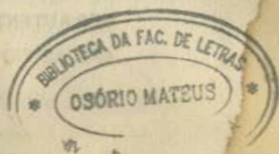


LIVRARIA SÁ DA COSTA ■ EDITORA
24, POÇO NOVO LISBOA

CARLOS SELVAGEM

A Encruzilhada

PEÇA EM 3 ACTOS



LIVRARIA SÁ DA COSTA ■ EDITORA
24, POÇO NOVO LISBOA

Prefácio

Conforme por vezes o tenho afirmado, entendendo que tôda a obra literária se deve apresentar inteiramente desajudada de quaisquer elementos acessórios que a defendam, esclareçam, expliquem ou justifiquem. Se por imperfeição ou insuficiência, a obra não se afirma vitoriosamente, respondendo pelos seus próprios meios de expressão a tôdas as interrogações e dúvidas, é justo que viva a vida efémera das frustes criações. Em literatura, como em biologia, há uma lei natural de selecção, inexorável.

Não é da mesma opinião o meu editor que instantemente me reclama para esta primeira edição de *A Encruzilhada* algumas palavras de prefácio, de que se deduzam, com sufficiente clareza, os fundamentos e intenções morais da peça. Por gentileza e especial deferência, não tive ânimo de lho recusar.

E, em boa verdade, tanto quanto me foi possível concluir da reacção do público perante a peça, *A Encruzilhada* precisaria mais dum epílogo que dum prefácio. Foi quasi geral a estranheza e a discordância das sucessivas platéias, pelo desfecho do conflito.

O problema do futuro de Maria do Pilar e, sobretudo, os destinos daquêle homem e daquela

mulher que um momento crucial de sinceridade ardente tornou idealmente amantes, pesou, mais do que eu contava, no espírito do espectador. Por temperamento e educação sentimental as nossas platéias exigem, de ordinário, que todo o conflito passional tenha um remate definitivo, positivo — e que êsse remate seja o *happy end* dos filmes americanos.

Ora, em *A Encruzilhada*, tanto pela estrutura moral dos seus personagens, como pela natureza dos conflitos que nela se entrechocam, o grande drama passional que um minuto de fatalidade faz inconscientemente deflagrar, não podia ter um desfecho consolador que fôsse lógico, para não dizer lógicamente moral.

É evidente que num mundo moral de estrutura patriarcal e cristã, aquêlê enteado e aquela madrasta, educados como foram, com os seus caracteres já perfeitamente formados, sem taras patológicas nem aberrações de temperamento, não poderiam mais encontrar-se nos caminhos futuros da vida, como esposos ou como amantes, a menos que se tornassem dois foragidos do seu meio social e passassem a viver no isolamento e na sombra, devorados por um monstro interior que seria para ambos uma expiação sôbre-humana.

Não há em todo o âmbito dos três actos de *A Encruzilhada*, uma situação, uma frase, uma réplica que possa deixar dúvidas sôbre o destino que a si próprios traça a lei moral dêsses dois seres.

Por nobreza moral — quando o não fôsse por outros freios mais convencionais — não era possível que, pelo menos, Carlos se tornasse, em qualquer latitude social ou geográfica, o amante ou o sucessor da segunda mulher de seu pai. O ressaibo de incesto dessa ligação carnal envenenaria na origem tôda a sua felicidade futura.

Além disso, o complexo de perturbações de tôda a ordem — affectivas, económicas, sociais — que essa espécie de incesto provocaria no regime tradicional dêsse pequeno mundo de interesses colectivos que era a Casa da Várzea, constituía ainda outro fantasma que na alma escrupulosa de Carlos se ergueria sempre a impor-lhe o gesto de renúncia. Essa sombra que inconscientemente circula através de todo o drama, vigilante e atenta, — e cujo eclipse momentâneo é justamente o que provoca a tragédia das almas — essa sombra é mais do que uma personagem simbólica porque é o testemunho vivo, a história viva daquela Casa, cujos benefícios se derramam por cem casais em redor.

Julgo, pois, que em *A Encruzilhada* o que mais interessa é o choque e a batalha surda de idéias e forças sociais e morais que encarniçadamente se trava ao clarão da grande labareda de paixão amorosa.

Como em tôdas as batalhas da vida a vitória pende para o interêsse do maior número, porque é o espírito de colmeia que sempre vence, seja qual fôr o valor, a beleza, a qualidade moral dos indivíduos que na batalha tenham de cair esmagados.

Se é que houve qualquer propósito de dar à peça uma finalidade, essa será a única moralidade da fábula.

É essencial, porém, em tôda a obra de ficção, a existência dum herói ou duma heroína, cujo interêsse ou destino humano o espectador ou leitor apaixonadamente despose.

No prefácio duma obra sua, Bernard Shaw capitula de *exigência romântica nesciamente sentimental* êsse interêsse do espectador pelo destino do herói. Mas sem êsse factor dominante não há, em verdade, obra de teatro, na clássica e nobre acepção da palavra.

Não é, pois, de surpreender a estranheza, a decepção, a discordância do comum dos espectadores pelo desfecho do conflito, pelo destino cruel da grande vítima de *A Encruzilhada* — Maria do Pilar.

Por todos os elementos que intervêm no drama, pelo sistema de interêsses que a sua presença ameaçava, essa mulher não podia deixar de sair esmagada da batalha a que a fôrça das coisas a compelira. O seu destino não podia deixar de ser o suicídio ou a deserção, — em qualquer caso a renúncia voluntária ou forçada a um amor impossível. Do suicídio salvou-a naquela hora suprema a certeza duma grande paixão partilhada. Mais tarde, devolvida ao turbilhão da vida, donde por um supremo esforço de vontade se evadira, terá ela coragem e fôrças para não succumbir de novo, para refazer a sua vida, uma vida mutilada, embora?

É já um problema secundário que pouco ou nada interessa à lógica do drama. Em boa verdade, seria quicá o tema de outra peça. O ponto crucial da obra em causa, o seu momento mais alto é aquêle em que as duas almas fascinadas, devoradas pela mesma labareda de paixão, vêem erguer-se entre ambos, como uma muralha, aquela

sombra fatídica, irremovível, que à semelhança do *Corvo* de Edgard Poë os adverte, crocitante, dum *never more* inexorável.

A intervenção da fatalidade num mundo moral de formação cristã — eis o que, em síntese, é talvez *A Encruzilhada*. Só nesse sentido, esta peça é uma tragédia — uma tragédia de almas.

* * *

Depois de escritas estas palavras, fico sem saber se a explicação bastará e se o leitor ou o espectador continuarão a não me perdoar o cruel destino a que essa pobre amorosa se condenou.

E, no entanto, é a única que pode dar quem, numa hora de febre conceptiva, com ela viveu e sonhou.

Lisboa, Fevereiro de 1941.

CARLOS SELVAGEM